

Vidas privadas: a propósito de uma estratégia de sobrevivência de mulheres pobres

CELI REGINA JARDIM PINTO

Este trabalho está preocupado em discutir uma das possibilidades estratégicas de sobrevivência de mulheres pobres não profissionalizadas, pertencentes às camadas economicamente marginalizadas da sociedade brasileira na crise dos anos 90.

O problema a ser analisado tem duas vertentes: a primeira diz respeito à centralidade da publicização das vidas privadas nas estratégias de sobrevivência destas mulheres em um programa de rádio popular.¹ A segunda refere-se à apropriação por parte do apresentador do programa do discurso das mulheres reforçando a responsabilidade privada dos problemas por elas apresentados e silenciando sobre qualquer possibilidade de estratégia coletiva de luta por melhores condições de vida.

Discuti em artigo anterior as potencialidades da constituição de novos sujeitos políticos através da atuação das mulheres de camadas populares em movimentos sociais populares que constroem discursos de ação coletiva e atuam como novos sujeitos, principalmente na política local. Também naquela oportunidade discuti a dupla face destes novos sujeitos que ao mesmo tempo que transformam-se em agentes participativos da luta política, constroem possibilidades de transformar suas posicionalidades enquanto mulheres nas relações de poder cotidianas que as constituem enquanto sujeito da vida privada.²

No artigo que aqui introduzo, minha preocupação é com o outro lado da moeda. Se anteriormente chamava a atenção para as possi-

1. *Treze* é o Programa Sérgio Zambiasi apresentado diariamente das 7:00h às 13:00h na Rádio Farroupilha AM de Porto Alegre. A rádio pertence ao complexo jornalístico da RBS, retransmissora da Globo no Estado e se caracteriza por ser uma exceção no padrão pretendido de qualidade das demais emissoras da rede tanto em AM como FM. O programa em questão é o de maior audiência no estado do Rio Grande do Sul.

2. PINTO, Céli Regina J. Movimentos Sociais: Espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: COSTA, Albertina et al (org) *Uma Questão de gênero*. Rosa dos Tempos, São Paulo, 1992, p. 27-45.

bilidades da construção de sujeitos coletivos de ação e intervenção na política, agora pretendo refletir sobre a reafirmação das condições de exclusão e dominação a partir de um mesmo conjunto de necessidades, isto é, demandas calcadas na inexistência de condições mínimas de sobrevivência.

Vale notar neste primeiro momento que não estou advogando a idéia de que há um suceder cronológico entre um tipo ou outro de estratégia. O assistencialismo, em suas diversas manifestações, tem sido uma constante na história das relações entre as classes no país. Entretanto chamo a atenção para o fato de que o refluxo dos movimentos sociais populares neste início de década, somado a uma descrença generalizada nas potencialidades de soluções políticas, torna a vigência e popularidade deste tipo de discurso um tema que merece atenção especial do analista.

Nesta perspectiva uma questão parece-me fundamental e diz respeito às tênues fronteiras entre o público e o privado na constituição dos sujeitos públicos no discurso político da última década.³ No Brasil tem-se assistido a um espetáculo profícuo neste particular, não me refiro a escândalos matrimoniais ou a hábitos pouco recomendáveis na vida pessoal dos detentores de cargos públicos, mas à apropriação pelas elites brasileiras do Estado como local privilegiado para a realização de seus interesses privados.

Se a publicização deste fenômeno tem o salutar efeito de pôr em cheque estas próprias elites, tem em contrapartida o efeito de provocar a descrença no público e no político como arena de lutas reivindicatórias coletivas, criando conseqüentemente condições para um crescente estado de despolitização e para privilegiamento do assistencialismo como possível solução dos problemas da miséria. A vida privada das populações pobres e principalmente das mulheres aparece neste quadro como sucedâneo à organização coletiva.

A existência destas condições não pode ser mecanicamente pensada tendo como resultado a situação acima proposta. No caso que será analisado duas particularidades devem ser levadas em consideração na construção da privatização de questões sociais da miséria: o capital simbólico da miséria da mulher em contraposição à miséria expressa no homem; a popularização do assistencialismo através da

3 A natureza desta relação não se constitui em um fenômeno novo na política brasileira. A novidade está no tornar-se público e encontrar um local privilegiado de enunciação no discurso jornalístico.

mídia eletrônica. Se nos movimentos populares, principalmente nos de vilas periféricas nas grandes cidades, a mulher torna-se o agente visível da luta pela busca de soluções coletivas, no processo de transformação da pobreza em questão da vida privada a mulher novamente é um sujeito privilegiado. Soma-se a isto a existência de uma mídia, imensamente popular, que responde de forma eficaz a esta situação, contribuindo para a própria construção do descrédito da ação coletiva. Este é um caso específico de Porto Alegre, que não estou generalizando apressadamente para outras cidades do país.

Dentro deste quadro é fácil perceber a posição da mulher enquanto detentora privilegiada de capital simbólico no campo do assistencialismo. Um simples caminhar nas ruas centrais de qualquer grande cidade brasileira nos faz deparar repetidas vezes com uma mesma cena: mulheres rodeadas de crianças muito pequenas pedindo esmola. Não raro esta cena se complementa com o ato de amamentar uma delas.

A miséria exposta nas calçadas tem quatro atores preferenciais: velhos, crianças, deficientes físicos e mulheres. Os três primeiros trazem na própria exposição de seus corpos as razões para a caridade, a fragilidade está exposta nas rugas, na subnutrição infantil, na exposição de deformidades de nascimento ou adquiridas. As mulheres, no entanto, cada vez mais presentes neste quadro, não trazem em seus corpos a marca da fragilidade necessária. A mulher pobre no espaço público das ruas e da miséria tem duas possibilidades: ou ela se torna mercadoria como prostituta afrontando o espaço da moralidade, ou ela tenta conquistar este espaço expondo sua condição antagônica à prostituição: sua condição de mãe.

Para trabalhar as questões propostas analisarei nas próximas páginas uma situação privilegiada de construção da miséria como uma questão particular e privada onde a mulher de camada popular expõe sua situação marginalizada como capital simbólico capaz de lhe dar condições de receber atenção do assistencialismo. Nesta mesma situação aparece o discurso da mulher reconstruído pelo enunciador da doação que retira dele qualquer conotação de problema social e de possibilidade de solução coletiva. O material empírico a ser analisado é retirado de um programa de rádio popular já citado, de caráter assistencialista onde a mulher é a atriz principal.

O programa radiofônico de Sérgio Zambiasi vai ao ar diariamente na Rádio Farroupilha de Porto Alegre das 7:00h às 13:00h, sendo o de maior audiência em rádio AM no Estado do Rio Grande

bilidades da construção de sujeitos coletivos de ação e intervenção na política, agora pretendo refletir sobre a reafirmação das condições de exclusão e dominação a partir de um mesmo conjunto de necessidades, isto é, demandas calcadas na inexistência de condições mínimas de sobrevivência.

Vale notar neste primeiro momento que não estou advogando a idéia de que há um suceder cronológico entre um tipo ou outro de estratégia. O assistencialismo, em suas diversas manifestações, tem sido uma constante na história das relações entre as classes no país. Entretanto chamo a atenção para o fato de que o refluxo dos movimentos sociais populares neste início de década, somado a uma descrença generalizada nas potencialidades de soluções políticas, torna a vigência e popularidade deste tipo de discurso um tema que merece atenção especial do analista.

Nesta perspectiva uma questão parece-me fundamental e diz respeito às tênues fronteiras entre o público e o privado na constituição dos sujeitos públicos no discurso político da última década.³ No Brasil tem-se assistido a um espetáculo profícuo neste particular, não me refiro a escândalos matrimoniais ou a hábitos pouco recomendáveis na vida pessoal dos detentores de cargos públicos, mas à apropriação pelas elites brasileiras do Estado como local privilegiado para a realização de seus interesses privados.

Se a publicização deste fenômeno tem o salutar efeito de pôr em cheque estas próprias elites, tem em contrapartida o efeito de provocar a descrença no público e no político como arena de lutas reivindicatórias coletivas, criando conseqüentemente condições para um crescente estado de despolitização e para privilegiamento do assistencialismo como possível solução dos problemas da miséria. A vida privada das populações pobres e principalmente das mulheres aparece neste quadro como sucedâneo à organização coletiva.

A existência destas condições não pode ser mecanicamente pensada tendo como resultado a situação acima proposta. No caso que será analisado duas particularidades devem ser levadas em consideração na construção da privatização de questões sociais da miséria: o capital simbólico da miséria da mulher em contraposição à miséria expressa no homem; a popularização do assistencialismo através da

3 A natureza desta relação não se constitui em um fenômeno novo na política brasileira. A novidade está no tornar-se público e encontrar um local privilegiado de enunciação no discurso jornalístico.

mídia eletrônica. Se nos movimentos populares, principalmente nos de vilas periféricas nas grandes cidades, a mulher torna-se o agente visível da luta pela busca de soluções coletivas, no processo de transformação da pobreza em questão da vida privada a mulher novamente é um sujeito privilegiado. Soma-se a isto a existência de uma mídia, imensamente popular, que responde de forma eficaz a esta situação, contribuindo para a própria construção do descrédito da ação coletiva. Este é um caso específico de Porto Alegre, que não estou generalizando apressadamente para outras cidades do país.

Dentro deste quadro é fácil perceber a posição da mulher enquanto detentora privilegiada de capital simbólico no campo do assistencialismo. Um simples caminhar nas ruas centrais de qualquer grande cidade brasileira nos faz deparar repetidas vezes com uma mesma cena: mulheres rodeadas de crianças muito pequenas pedindo esmola. Não raro esta cena se complementa com o ato de amamentar uma delas.

A miséria exposta nas calçadas tem quatro atores preferenciais: velhos, crianças, deficientes físicos e mulheres. Os três primeiros trazem na própria exposição de seus corpos as razões para a caridade, a fragilidade está exposta nas rugas, na subnutrição infantil, na exposição de deformidades de nascimento ou adquiridas. As mulheres, no entanto, cada vez mais presentes neste quadro, não trazem em seus corpos a marca da fragilidade necessária. A mulher pobre no espaço público das ruas e da miséria tem duas possibilidades: ou ela se torna mercadoria como prostituta afrontando o espaço da moralidade, ou ela tenta conquistar este espaço expondo sua condição antagônica à prostituição: sua condição de mãe.

Para trabalhar as questões propostas analisarei nas próximas páginas uma situação privilegiada de construção da miséria como uma questão particular e privada onde a mulher de camada popular expõe sua situação marginalizada como capital simbólico capaz de lhe dar condições de receber atenção do assistencialismo. Nesta mesma situação aparece o discurso da mulher reconstruído pelo enunciador da doação que retira dele qualquer conotação de problema social e de possibilidade de solução coletiva. O material empírico a ser analisado é retirado de um programa de rádio popular já citado, de caráter assistencialista onde a mulher é a atriz principal.

O programa radiofônico de Sérgio Zambiasi vai ao ar diariamente na Rádio Farroupilha de Porto Alegre das 7:00h às 13:00h, sendo o de maior audiência em rádio AM no Estado do Rio Grande

do Sul. O eixo central do programa é o relato de tragédias pessoais feito por seus protagonistas.⁴ Os problemas apresentados giram em torno de questões de saúde, abandono de crianças, famílias na rua sem ter onde morar e pessoas que procuram parentes há muito perdidos.⁵

O apresentador Sérgio Zambiasi é deputado estadual há duas legislaturas tendo sido em ambas o deputado mais votado do estado, inclusive considerando os deputados federais. Pertence ao PTB que tem uma bancada no Legislativo gaúcho muito maior que sua expressividade enquanto partido político no Estado devido a Zambiasi. Por sua popularidade o apresentador tornou-se figura importante na política do Rio Grande do Sul, principalmente quando se trata de eleições municipais em Porto Alegre.

O trabalho que se segue está dividido em duas partes: na primeira discutirei a constituição do campo onde se concretizam as estratégias de apresentação da vida privada como capital simbólico; na segunda parte analisarei três cenários criados no programa.

O Campo do jornalismo assistencialista

A decisão de trabalhar com a teoria dos campos de Bourdieu para analisar o problema que este artigo levanta pressupõe um cálculo de custo e benefício. A teoria dos *campus* circundada pelo conceito de *habitus* tem como vantagem primordial o recurso de possibilitar um recorte preciso onde as práticas e os atores podem ser claramente identificados. As regras de formação dos campos possibilitam mostrar a existência de interesses irreduzíveis a outros campos, o que é particularmente importante para a identificação da reprodução das relações de poder. Entretanto é nas suas próprias qualidades que as propostas de Bourdieu envolvem custos para quem delas se utiliza. Se por um lado elas permitem a delimitação precisa de agentes e de regras de funcionamento, por outro, não pressupõem a subversão destas regras no interior dos campos. Para Bourdieu a subversão envolve a ruptura e construção de novos campos. As pequenas subversões, muitas vezes tão importantes quanto as gran-

4 Apesar da constante presença de pessoas do público no estúdio o programa não é de auditório.

5 O programa de Zambiasi é conhecido principalmente pelos grupos de não ouvintes, pelo mito da distribuição de cadeiras de roda.

des, a coexistência de contradições internas tencionando o campo e a própria complexidade dos agentes sociais não parecem ter espaço na teoria. Meu trabalho não tem como propósito discutir a teoria de Bourdieu, mas utilizá-la, mantendo-me, entretanto, atenta às suas limitações.

O campo do jornalismo, a exemplo de outros campos como o político, pressupõe a existência de uma estreita relação entre um campo de produção e um campo de consumo: a possibilidade de um criar o outro está definida pelas condições pré-existentes. Para que algum produto seja consumido deve haver um universo disponível de gostos. A produção, portanto parte do gosto já existente: ela limita, dá forma, exclui e redefine, mas não pode impor algo que não encontre qualquer predisposição de ser aceito. Segundo Bourdieu:

O campo de produção não poderá evidentemente funcionar se não puder contar em relação aos gostos já existentes, propensões mais ou menos intensas a consumir os bens mais ou menos estritamente definidos, é o que permite ao gosto se realizar no seu ofertante a cada momento.⁶

O estabelecimento do campo jornalístico em pauta pressupõe portanto um gosto anterior. No caso do programa de Zambiasi não é difícil identificar este gosto inscrito no *habitus* de classe dos setores populares no país.⁷ A história da inserção de vastas parcelas da população brasileira no mercado de trabalho, enquanto trabalhadores informais sem direitos sociais, suas condições de vida quanto a habitação, saúde e educação e às formas como foram sucessivamente incorporados enquanto sujeitos no discurso político contemporâneo, constituiu estes grupos em agentes sociais predispostos a tornarem-se consumidores de um discurso que substituiu a participação política pelo assistencialismo. No caso da mulher esta incorporação tem mais um fator que é sua própria condição na relação histórica de gênero na qual se constitui enquanto sujeito.

6 BOURDIEU, Pierre. *La Distinction*. Paris, Minuit, 1979, p. 255.

7 *Habitus* é definido por Bourdieu como "Sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes (...) princípios geradores e organizadores de práticas de representações que podem ser objetivamente adaptadas a seu fim, sem supor a visão consciente do fim e na matriz expressa das operações necessárias para o atendimento objetivamente regulado e regulador sem ser em nada o produto da obediência às regras." (tradução minha) BOURDIEU, Pierre. *Le Sens Pratique*. Minuit, Paris, 1980.

do Sul. O eixo central do programa é o relato de tragédias pessoais feito por seus protagonistas.⁴ Os problemas apresentados giram em torno de questões de saúde, abandono de crianças, famílias na rua sem ter onde morar e pessoas que procuram parentes há muito perdidos.⁵

O apresentador Sérgio Zambiasi é deputado estadual há duas legislaturas tendo sido em ambas o deputado mais votado do estado, inclusive considerando os deputados federais. Pertence ao PTB que tem uma bancada no Legislativo gaúcho muito maior que sua expressividade enquanto partido político no Estado devido a Zambiasi. Por sua popularidade o apresentador tornou-se figura importante na política do Rio Grande do Sul, principalmente quando se trata de eleições municipais em Porto Alegre.

O trabalho que se segue está dividido em duas partes: na primeira discutirei a constituição do campo onde se concretizam as estratégias de apresentação da vida privada como capital simbólico; na segunda parte analisarei três cenários criados no programa.

O Campo do jornalismo assistencialista

A decisão de trabalhar com a teoria dos campos de Bourdieu para analisar o problema que este artigo levanta pressupõe um cálculo de custo e benefício. A teoria dos *campus* circundada pelo conceito de *habitus* tem como vantagem primordial o recurso de possibilitar um recorte preciso onde as práticas e os atores podem ser claramente identificados. As regras de formação dos campos possibilitam mostrar a existência de interesses irreduzíveis a outros campos, o que é particularmente importante para a identificação da reprodução das relações de poder. Entretanto é nas suas próprias qualidades que as propostas de Bourdieu envolvem custos para quem delas se utiliza. Se por um lado elas permitem a delimitação precisa de agentes e de regras de funcionamento, por outro, não pressupõem a subversão destas regras no interior dos campos. Para Bourdieu a subversão envolve a ruptura e construção de novos campos. As pequenas subversões, muitas vezes tão importantes quanto as gran-

4 Apesar da constante presença de pessoas do público no estúdio o programa não é de auditório.

5 O programa de Zambiasi é conhecido principalmente pelos grupos de não ouvintes, pelo mito da distribuição de cadeiras de roda.

des, a coexistência de contradições internas tencionando o campo e a própria complexidade dos agentes sociais não parecem ter espaço na teoria. Meu trabalho não tem como propósito discutir a teoria de Bourdieu, mas utilizá-la, mantendo-me, entretanto, atenta às suas limitações.

O campo do jornalismo, a exemplo de outros campos como o político, pressupõe a existência de uma estreita relação entre um campo de produção e um campo de consumo: a possibilidade de um criar o outro está definida pelas condições pré-existentes. Para que algum produto seja consumido deve haver um universo disponível de gostos. A produção, portanto parte do gosto já existente: ela limita, dá forma, exclui e redefine, mas não pode impor algo que não encontre qualquer predisposição de ser aceito. Segundo Bourdieu:

O campo de produção não poderá evidentemente funcionar se não puder contar em relação aos gostos já existentes, propensões mais ou menos intensas a consumir os bens mais ou menos estritamente definidos, é o que permite ao gosto se realizar no seu ofertante a cada momento.⁶

O estabelecimento do campo jornalístico em pauta pressupõe portanto um gosto anterior. No caso do programa de Zambiasi não é difícil identificar este gosto inscrito no *habitus* de classe dos setores populares no país.⁷ A história da inserção de vastas parcelas da população brasileira no mercado de trabalho, enquanto trabalhadores informais sem direitos sociais, suas condições de vida quanto a habitação, saúde e educação e às formas como foram sucessivamente incorporados enquanto sujeitos no discurso político contemporâneo, constituiu estes grupos em agentes sociais predispostos a tornarem-se consumidores de um discurso que substituiu a participação política pelo assistencialismo. No caso da mulher esta incorporação tem mais um fator que é sua própria condição na relação histórica de gênero na qual se constitui enquanto sujeito.

6 BOURDIEU, Pierre. *La Distinction*. Paris, Minuit, 1979, p. 255.

7 *Habitus* é definido por Bourdieu como "Sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes (...) princípios geradores e organizadores de práticas de representações que podem ser objetivamente adaptadas a seu fim, sem supor a visão consciente do fim e na matriz expressa das operações necessárias para o atendimento objetivamente regulado e regulador sem ser em nada o produto da obediência às regras." (tradução minha) BOURDIEU, Pierre. *Le Sens Pratique*. Minuit, Paris, 1980.

Um campo para constituir-se pressupõe também como condição necessária um interesse irredutível que o caracterize e o diferencie de todos os outros campos. Tomando o programa de Zambiasi como um campo de produção que se relaciona diretamente com o campo de consumo ver-se-á que é a eficácia na resolução dos problemas apresentados que constitui o interesse irredutível. O assistencialismo, com presença histórica nas relações de classe e particularmente nos discursos populistas que têm pautado a grande parte do jogo político brasileiro contemporâneo, encontra na caridade eletrônica seu lugar privilegiado de realização.

A estrutura do campo concretiza-se por uma relação de forças onde está em jogo uma luta entre poderes simbólicos: por um lado, alguém faz crer que necessita, por outro, alguém faz crer que pode resolver. No caso em discussão, o capital simbólico do primeiro é inversamente proporcional ao seu capital econômico, político e cultural; e quanto mais desprovido de qualquer um destes capitais, mais consegue fazer crer que necessita. As histórias apresentadas no programa são detalhadas enfatizando o quadro da miséria e da tragédia dela decorrente. Por outro lado, existe uma relação estreita entre um capital social redefinido no interior do campo e o capital simbólico. O agente com maior capital simbólico é aquele que está pedindo para defender a sobrevivência da criança: a família, a mãe ou quem os substitui por falta ou abandono destes. Neste quadro a mãe de muitos filhos, abandonada pelo marido ou não, é o agente com maior capital simbólico. A mulher enquanto agente social é dotada de um poder que decorre de sua fragilidade: constitui-se no agente especialmente dotado do dom de pedir e do direito de receber. O pedido da mãe torna-se um ato heróico e não uma humilhação. Ela não pede nunca para si, mas para os filhos que em qualquer circunstância serão por ela defendidos.

A posição da mulher como detentora privilegiada de capital simbólico no programa de Zambiasi é construída não apenas por seu papel de mãe, mas também em oposição ao homem. O homem, pai, marido, companheiro é sempre apresentado como aquele que vitimiza a mulher, aquele capaz de criar situações e não sustentá-las. Dele espera-se que trabalhe, e assim fazendo, evite a situação da mulher de ter que buscar a caridade. Ao posicionar o homem como o responsável pela situação de miséria da mulher e filhos, Zambiasi constrói os problemas apresentados como sendo de natureza eminentemente privada.

Ainda em relação à centralidade da mulher no estabelecimento das regras internas do campo, deve-se chamar a atenção

para dois outros fatores relacionados com os campos de produção/campo de consumo. Em primeiro lugar deve-se considerar que a audiência maciça de rádio pela parte da manhã é de mulheres, criando-se, portanto, solidariedade e identificação. A história de abandono e de trabalho como mãe é uma história comum entre as mulheres das camadas mais pobres da população. Ao entender a história da pessoa que está na rádio, Zambiasi entende a história de suas ouvintes. Esta relação tem grande importância na constituição do campo, pois ao mesmo tempo em que a ouvinte tem possibilidade de comparar-se com a história do rádio, constituindo-se como privilegiada em relação à tragédia exposta, ela sente-se protegida pela própria existência do programa, vendo nele um local a procurar na possibilidade de encontrar-se, em algum momento de sua vida, na mesma condição da mulher cuja vida está sendo exposta. Dentro do quadro de descrédito na capacidade do poder público de responder demandas, o programa aparece como um local seguro a ser procurado em caso de necessidade.

O segundo fator relaciona-se com a própria dinâmica do donativo. É muito mais fácil o donativo para uma mulher do que para um homem, dele a sociedade espera que vá trabalhar; já a mulher, mãe de muitos filhos tem *a priori* a justificativa para pedir e mais facilmente receber a ajuda.

É também fundamental na construção das regras do jogo do programa que as normas de conduta desejáveis pela sociedade em relação às crianças, à propriedade e ao trabalho sejam rigorosamente obedecidas por aqueles que pretendem ter seus pedidos atendidos. Estas normas, estão sempre implícitas nas longas entrevistas feitas por Zambiasi e constituem os elementos que formam o marco diferenciador do mundo social: existem pessoas boas e trabalhadoras e pessoas más e violentas, os que merecem e os que não merecem ajuda no seu programa.

O poder simbólico daquele que faz crer que pode resolver, isto é, o apresentador, organiza-se a partir de uma complexa rede de relações. Zambiasi pode resolver porque anuncia uma imensa rede de solidariedade entre ele e aqueles que assistem ao programa e podem dar porque têm recursos. Mais do que poder dar, o apresentador pode conseguir; seu maior poder aparece na possibilidade que tem de convencer o outro a dar. Zambiasi faz crer que consegue ajudar porque é fundamentalmente religioso, ele crê em Deus e crê na capacidade deste Deus interferir em favor dos necessitados. Soma-se a isto o fato de apresentar-se como não detentor de capi-

Um campo para constituir-se pressupõe também como condição necessária um interesse irredutível que o caracterize e o diferencie de todos os outros campos. Tomando o programa de Zambiasi como um campo de produção que se relaciona diretamente com o campo de consumo ver-se-á que é a eficácia na resolução dos problemas apresentados que constitui o interesse irredutível. O assistencialismo, com presença histórica nas relações de classe e particularmente nos discursos populistas que têm pautado a grande parte do jogo político brasileiro contemporâneo, encontra na caridade eletrônica seu lugar privilegiado de realização.

A estrutura do campo concretiza-se por uma relação de forças onde está em jogo uma luta entre poderes simbólicos: por um lado, alguém faz crer que necessita, por outro, alguém faz crer que pode resolver. No caso em discussão, o capital simbólico do primeiro é inversamente proporcional ao seu capital econômico, político e cultural; e quanto mais desprovido de qualquer um destes capitais, mais consegue fazer crer que necessita. As histórias apresentadas no programa são detalhadas enfatizando o quadro da miséria e da tragédia dela decorrente. Por outro lado, existe uma relação estreita entre um capital social redefinido no interior do campo e o capital simbólico. O agente com maior capital simbólico é aquele que está pedindo para defender a sobrevivência da criança: a família, a mãe ou quem os substitui por falta ou abandono destes. Neste quadro a mãe de muitos filhos, abandonada pelo marido ou não, é o agente com maior capital simbólico. A mulher enquanto agente social é dotada de um poder que decorre de sua fragilidade: constitui-se no agente especialmente dotado do dom de pedir e do direito de receber. O pedido da mãe torna-se um ato heróico e não uma humilhação. Ela não pede nunca para si, mas para os filhos que em qualquer circunstância serão por ela defendidos.

A posição da mulher como detentora privilegiada de capital simbólico no programa de Zambiasi é construída não apenas por seu papel de mãe, mas também em oposição ao homem. O homem, pai, marido, companheiro é sempre apresentado como aquele que vitimiza a mulher, aquele capaz de criar situações e não sustentá-las. Dele espera-se que trabalhe, e assim fazendo, evite a situação da mulher de ter que buscar a caridade. Ao posicionar o homem como o responsável pela situação de miséria da mulher e filhos, Zambiasi constrói os problemas apresentados como sendo de natureza eminentemente privada.

Ainda em relação à centralidade da mulher no estabelecimento das regras internas do campo, deve-se chamar a atenção

para dois outros fatores relacionados com os campos de produção/campo de consumo. Em primeiro lugar deve-se considerar que a audiência maciça de rádio pela parte da manhã é de mulheres, criando-se, portanto, solidariedade e identificação. A história de abandono e de trabalho como mãe é uma história comum entre as mulheres das camadas mais pobres da população. Ao entender a história da pessoa que está na rádio, Zambiasi entende a história de suas ouvintes. Esta relação tem grande importância na constituição do campo, pois ao mesmo tempo em que a ouvinte tem possibilidade de comparar-se com a história do rádio, constituindo-se como privilegiada em relação à tragédia exposta, ela sente-se protegida pela própria existência do programa, vendo nele um local a procurar na possibilidade de encontrar-se, em algum momento de sua vida, na mesma condição da mulher cuja vida está sendo exposta. Dentro do quadro de descrédito na capacidade do poder público de responder demandas, o programa aparece como um local seguro a ser procurado em caso de necessidade.

O segundo fator relaciona-se com a própria dinâmica do donativo. É muito mais fácil o donativo para uma mulher do que para um homem, dele a sociedade espera que vá trabalhar; já a mulher, mãe de muitos filhos tem *a priori* a justificativa para pedir e mais facilmente receber a ajuda.

É também fundamental na construção das regras do jogo do programa que as normas de conduta desejáveis pela sociedade em relação às crianças, à propriedade e ao trabalho sejam rigorosamente obedecidas por aqueles que pretendem ter seus pedidos atendidos. Estas normas, estão sempre implícitas nas longas entrevistas feitas por Zambiasi e constituem os elementos que formam o marco diferenciador do mundo social: existem pessoas boas e trabalhadoras e pessoas más e violentas, os que merecem e os que não merecem ajuda no seu programa.

O poder simbólico daquele que faz crer que pode resolver, isto é, o apresentador, organiza-se a partir de uma complexa rede de relações. Zambiasi pode resolver porque anuncia uma imensa rede de solidariedade entre ele e aqueles que assistem ao programa e podem dar porque têm recursos. Mais do que poder dar, o apresentador pode conseguir; seu maior poder aparece na possibilidade que tem de convencer o outro a dar. Zambiasi faz crer que consegue ajudar porque é fundamentalmente religioso, ele crê em Deus e crê na capacidade deste Deus interferir em favor dos necessitados. Soma-se a isto o fato de apresentar-se como não detentor de capi-

tal econômico: Zambiasi sempre aparece como um homem pobre, um trabalhador, um homem que está mais próximo daqueles a quem ajuda do que dos poderosos.⁸ Finalmente deve-se considerar que Zambiasi é um deputado estadual, portanto possuidor de capital político. Se este tipo de capital deve seguramente influir na confiança que o público tem nele é, por outro lado, raramente presente na fala do apresentador.

O campo, portanto, é organizado através da cumplicidade entre o apresentador, os que vão até ele pedir e os seus ouvintes. Estes três grupos constituem o mundo fechado e solidário, tem regras internas claras e formas definidas de relacionamento com o mundo exterior.

O cenário de solidariedade, de conformismo, de fatalidade e de fé em Deus é o enquadramento perfeito para que se coloque o capital simbólico do que faz crer que necessita:⁹ o quadro de miséria é colocado através de sua naturalização, a pobreza, a miséria absoluta não tem causas sociais, não tem relação com a situação do país e não tem solução. Ela é da natureza daqueles que sofrem e que têm em Deus o consolo. A exposição da miséria é necessária para que o pedido seja atendido: este é sempre específico e representa um ponto de desequilíbrio no equilíbrio de sobrevivência da vida miserável.

A Construção de vidas privadas¹⁰

Ao longo das seis horas de programa desfila no rádio uma grande quantidade de histórias dramáticas, tendo a sua grande maioria,

- 8 Durante a semana em que foi gravado o programa estava sendo veiculado em algumas emissoras de televisão um comercial sobre uma grande loja no interior do Estado que tinha como nome o sobrenome do apresentador. Zambiasi durante todo o período repetidas vezes afirmou que a loja não era sua e nem de parentes próximos a quem conhecesse.
- 9 Durante as seis horas que duram o programa pelo menos duas vezes Zambiasi interrompe o ritmo do programa para rezar. Ao meio-dia todos os presentes fazem uma prece ao Menino Jesus de Praga. Nas sextas-feiras um padre comparece ao programa para fazer uma prece. Todas as manifestações religiosas no programa são claramente católicas e conformistas, pedindo a Deus pelos pobres e prometendo uma vida eterna sem problemas em troca dos sacrifícios na terra.
- 10 Os diálogos aqui reproduzidos foram gravados entre os dias 7 e 12 de junho de 1992. Fazem parte do material de uma pesquisa de maior porte que pretendeu analisar o discurso da despolitização da imprensa brasileira. O período foi escolhido propositalmente ao acaso. O trabalho de gravação e transcrição foi feito por uma equipe de bolsistas aos quais se deve grande parte deste e de outros artigos.

como protagonistas, mulheres. Os temas prioritários são: saúde de crianças, falta de lugar para morar, crianças abandonadas ou desaparecidas, pessoas procurando parentes com os quais perderam o contato por muito tempo, na maioria das vezes a busca é pela mãe. Juntam-se a estes, pequenos pedidos como cadeira de roda, muletas e instrumentos rudimentares de trabalho. Em todos os casos as regras do campo se reproduzem: as mulheres fazem crer que necessitam, Zambiasi, que pode resolver o caso. O que é fundamental, entretanto, é o jogo de tensão que se estabelece no diálogo entre as mulheres e Zambiasi, onde se percebe a existência do que pode ser chamado de três códigos: o primeiro e mais simples é o código das informações dadas pelas mulheres. Suas histórias são contadas com naturalidade, sem emoção ou falsas tragédias, fazem parte do cotidiano de suas vidas. O pedir aparece como natural, como consequência lógica de suas posições na luta pela vida.

Zambiasi é o construtor dos dois outros códigos que formam o diálogo, o do silêncio e o das informações necessárias. O código do silêncio se expressa na ausência absoluta de qualquer relação entre as histórias relatadas e as condições de vida das camadas populares e nos direitos destas de usufruir dos serviços públicos. Em decorrência desta ausência Zambiasi necessita transformar a história que é banal entre esta camada da população, em uma história particular e para isso dirige o diálogo no sentido de obter as informações para tal, construindo assim o código das informações necessárias. A seguir analisarei três casos: os dois primeiros confirmam completamente as regras do campo o último as subvertem.

Caso 1¹¹

O primeiro caso é particularmente significativo para o argumento que estou desenvolvendo. Ao contrário da maioria dos casos trazidos ao programa este não é uma grande tragédia. O pedido é simples, uma mulher vem ao programa pedir um nebulizador para sua filha que sofre de asma, o que evitaria constantes hospitalizações. Pode-se estabelecer aqui o primeiro código de construção do caso, o código do silêncio: a mulher é pobre e não pode comprar o aparelho, mas a criança é hospitalizada, ficando entendido que alguém disse à mulher que o nebulizador evitaria a hospitalização. Se a mulher é

11 Caso gravado dia 19 de junho de 1991.

tal econômico: Zambiasi sempre aparece como um homem pobre, um trabalhador, um homem que está mais próximo daqueles a quem ajuda do que dos poderosos.⁸ Finalmente deve-se considerar que Zambiasi é um deputado estadual, portanto possuidor de capital político. Se este tipo de capital deve seguramente influir na confiança que o público tem nele é, por outro lado, raramente presente na fala do apresentador.

O campo, portanto, é organizado através da cumplicidade entre o apresentador, os que vão até ele pedir e os seus ouvintes. Estes três grupos constituem o mundo fechado e solidário, tem regras internas claras e formas definidas de relacionamento com o mundo exterior.

O cenário de solidariedade, de conformismo, de fatalidade e de fé em Deus é o enquadramento perfeito para que se coloque o capital simbólico do que faz crer que necessita:⁹ o quadro de miséria é colocado através de sua naturalização, a pobreza, a miséria absoluta não tem causas sociais, não tem relação com a situação do país e não tem solução. Ela é da natureza daqueles que sofrem e que têm em Deus o consolo. A exposição da miséria é necessária para que o pedido seja atendido: este é sempre específico e representa um ponto de desequilíbrio no equilíbrio de sobrevivência da vida miserável.

A Construção de vidas privadas¹⁰

Ao longo das seis horas de programa desfila no rádio uma grande quantidade de histórias dramáticas, tendo a sua grande maioria,

- 8 Durante a semana em que foi gravado o programa estava sendo veiculado em algumas emissoras de televisão um comercial sobre uma grande loja no interior do Estado que tinha como nome o sobrenome do apresentador. Zambiasi durante todo o período repetidas vezes afirmou que a loja não era sua e nem de parentes próximos a quem conhecesse.
- 9 Durante as seis horas que duram o programa pelo menos duas vezes Zambiasi interrompe o ritmo do programa para rezar. Ao meio-dia todos os presentes fazem uma prece ao Menino Jesus de Praga. Nas sextas-feiras um padre comparece ao programa para fazer uma prece. Todas as manifestações religiosas no programa são claramente católicas e conformistas, pedindo a Deus pelos pobres e prometendo uma vida eterna sem problemas em troca dos sacrifícios na terra.
- 10 Os diálogos aqui reproduzidos foram gravados entre os dias 7 e 12 de junho de 1992. Fazem parte do material de uma pesquisa de maior porte que pretendeu analisar o discurso da despolitização da imprensa brasileira. O período foi escolhido propositalmente ao acaso. O trabalho de gravação e transcrição foi feito por uma equipe de bolsistas aos quais se deve grande parte deste e de outros artigos.

como protagonistas, mulheres. Os temas prioritários são: saúde de crianças, falta de lugar para morar, crianças abandonadas ou desaparecidas, pessoas procurando parentes com os quais perderam o contato por muito tempo, na maioria das vezes a busca é pela mãe. Juntam-se a estes, pequenos pedidos como cadeira de roda, muletas e instrumentos rudimentares de trabalho. Em todos os casos as regras do campo se reproduzem: as mulheres fazem crer que necessitam, Zambiasi, que pode resolver o caso. O que é fundamental, entretanto, é o jogo de tensão que se estabelece no diálogo entre as mulheres e Zambiasi, onde se percebe a existência do que pode ser chamado de três códigos: o primeiro e mais simples é o código das informações dadas pelas mulheres. Suas histórias são contadas com naturalidade, sem emoção ou falsas tragédias, fazem parte do cotidiano de suas vidas. O pedir aparece como natural, como consequência lógica de suas posições na luta pela vida.

Zambiasi é o construtor dos dois outros códigos que formam o diálogo, o do silêncio e o das informações necessárias. O código do silêncio se expressa na ausência absoluta de qualquer relação entre as histórias relatadas e as condições de vida das camadas populares e nos direitos destas de usufruir dos serviços públicos. Em decorrência desta ausência Zambiasi necessita transformar a história que é banal entre esta camada da população, em uma história particular e para isso dirige o diálogo no sentido de obter as informações para tal, construindo assim o código das informações necessárias. A seguir analisarei três casos: os dois primeiros confirmam completamente as regras do campo o último as subvertem.

Caso 1¹¹

O primeiro caso é particularmente significativo para o argumento que estou desenvolvendo. Ao contrário da maioria dos casos trazidos ao programa este não é uma grande tragédia. O pedido é simples, uma mulher vem ao programa pedir um nebulizador para sua filha que sofre de asma, o que evitaria constantes hospitalizações. Pode-se estabelecer aqui o primeiro código de construção do caso, o código do silêncio: a mulher é pobre e não pode comprar o aparelho, mas a criança é hospitalizada, ficando entendido que alguém disse à mulher que o nebulizador evitaria a hospitalização. Se a mulher é

11 Caso gravado dia 19 de junho de 1991.

pobre e não pode comprar o aparelho, conseqüentemente esta mulher não paga hospitalização, portanto há uma instituição (INSS) que paga a hospitalização e, possivelmente, foi a autoridade no hospital, o médico, que aconselhou o nebulizador. A relação da mulher com as instituições e a possível responsabilidade destas em providenciar condições de saúde para a criança constitui a ausência: o código do silêncio.

Em contraposição ao código do silêncio aparece o que poder-se-ia chamar de código das informações necessárias, constituído fundamentalmente pela reconstrução na fala do apresentador das informações solicitadas por ele sobre a vida de quem pede. As informações contidas nestas falas formam o terceiro código que organiza o discurso: o código da cotidianidade sem emoção.

Z – Eu estou com uma mãezinha aqui preocupada...

A inauguração da fala de Zambiasi traz marca da construção do caso: a presença de uma mãe preocupada. O diminutivo reforça a fragilidade. Mas logo a seguir o apresentador faz uma pergunta chave que na maioria das vezes lhe permite transferir para a própria mãe a responsabilidade da situação vivida.

Z – Ela tem bronquite asmática.

Z – Quantos filhos tu tens?

M – Eu tenho três.

No caso em questão o número de filhos não tem o significado esperado, três filhos não são o suficiente para criar impacto e Zambiasi parte para a próxima informação necessária:

Z – E o pai das crianças?

M – Não tem. Eu moro sozinha com a minha mãe.

Z – São filhos do Espírito Santo.

M – Não, ele foi embora.

Z – Como é o nome deste pai bacana?

M – Antônio

Z – Antônio de quê?

M – O. (o sobrenome foi dado completo).

Z – Tem que dizer o nome desse paizinho bonzinho. Tem de dar o nome desses para que outras não caiam nesta conversa. Que com certeza, com certeza absoluta ele deve estar azeitando o ouvido de uma outra aí, já está engravidando no mínimo. Fazer filho é a coisa mais fácil do mundo, se faz até deitado.

Z – Ele precisa de um nebulizador. O bebê abandonado pelo pai. Um nebulizador.

A importância deste diálogo está exatamente em sua simplicidade: uma mulher chega ao programa para pedir o nebulizador porque não tem dinheiro para comprar, nem assistência social que lhe forneça (código do silêncio).

Relata o caso, mas as informações relatadas não são as necessárias, elas apenas relatam o cotidiano de mulheres das classes populares quando envolvidas com a saúde de seus filhos. O apresentador necessita criar a singularidade, transformar a questão coletiva em singular e, para isto busca informações, que para a mulher nada têm a ver com o seu pedido (as perguntas são respondidas como se fosse um ritual burocrático qualquer), mas que lhe permitem a montagem de uma nova história, onde a questão central é encontrar na vida privada da mulher a razão de sua situação: o responsável pela compra do nebulizador fugiu, isto é, o pai da criança, que é construído como um irresponsável, seu nome e sobrenome são dados no ar para que as mulheres dele se protejam.

Caso 2¹²

A segunda história tem como tema a questão do sem-teto. A exemplo da primeira constitui-se em um problema social de grande visibilidade principalmente nas grandes cidades do país. Ao entrevistar a mulher que vem ao programa pedir uma barraca para morar, Zambiasi constrói novamente o drama pessoal através dos códigos do silêncio e das informações necessárias. O código do silêncio se manifesta através da ausência absoluta do comentário sobre o problema das pessoas que não têm onde morar, ou da própria reconstrução da história de vida da entrevistada, que facilmente poderia vir a mostrar a trajetória da miséria social que levou a família para a rua.

¹² Caso gravado dia 10 de junho de 1991.

pobre e não pode comprar o aparelho, conseqüentemente esta mulher não paga hospitalização, portanto há uma instituição (INSS) que paga a hospitalização e, possivelmente, foi a autoridade no hospital, o médico, que aconselhou o nebulizador. A relação da mulher com as instituições e a possível responsabilidade destas em providenciar condições de saúde para a criança constitui a ausência: o código do silêncio.

Em contraposição ao código do silêncio aparece o que poder-se-ia chamar de código das informações necessárias, constituído fundamentalmente pela reconstrução na fala do apresentador das informações solicitadas por ele sobre a vida de quem pede. As informações contidas nestas falas formam o terceiro código que organiza o discurso: o código da cotidianidade sem emoção.

Z – Eu estou com uma mãezinha aqui preocupada...

A inauguração da fala de Zambiasi traz marca da construção do caso: a presença de uma mãe preocupada. O diminutivo reforça a fragilidade. Mas logo a seguir o apresentador faz uma pergunta chave que na maioria das vezes lhe permite transferir para a própria mãe a responsabilidade da situação vivida.

Z – Ela tem bronquite asmática.

Z – Quantos filhos tu tens?

M – Eu tenho três.

No caso em questão o número de filhos não tem o significado esperado, três filhos não são o suficiente para criar impacto e Zambiasi parte para a próxima informação necessária:

Z – E o pai das crianças?

M – Não tem. Eu moro sozinha com a minha mãe.

Z – São filhos do Espírito Santo.

M – Não, ele foi embora.

Z – Como é o nome deste pai bacana?

M – Antônio

Z – Antônio de quê?

M – O. (o sobrenome foi dado completo).

Z – Tem que dizer o nome desse paizinho bonzinho. Tem de dar o nome desses para que outras não caiam nesta conversa. Que com certeza, com certeza absoluta ele deve estar azeitando o ouvido de uma outra aí, já está engravidando no mínimo. Fazer filho é a coisa mais fácil do mundo, se faz até deitado.

Z – Ele precisa de um nebulizador. O bebê abandonado pelo pai. Um nebulizador.

A importância deste diálogo está exatamente em sua simplicidade: uma mulher chega ao programa para pedir o nebulizador porque não tem dinheiro para comprar, nem assistência social que lhe forneça (código do silêncio).

Relata o caso, mas as informações relatadas não são as necessárias, elas apenas relatam o cotidiano de mulheres das classes populares quando envolvidas com a saúde de seus filhos. O apresentador necessita criar a singularidade, transformar a questão coletiva em singular e, para isto busca informações, que para a mulher nada têm a ver com o seu pedido (as perguntas são respondidas como se fosse um ritual burocrático qualquer), mas que lhe permitem a montagem de uma nova história, onde a questão central é encontrar na vida privada da mulher a razão de sua situação: o responsável pela compra do nebulizador fugiu, isto é, o pai da criança, que é construído como um irresponsável, seu nome e sobrenome são dados no ar para que as mulheres dele se protejam.

Caso 2¹²

A segunda história tem como tema a questão do sem-teto. A exemplo da primeira constitui-se em um problema social de grande visibilidade principalmente nas grandes cidades do país. Ao entrevistar a mulher que vem ao programa pedir uma barraca para morar, Zambiasi constrói novamente o drama pessoal através dos códigos do silêncio e das informações necessárias. O código do silêncio se manifesta através da ausência absoluta do comentário sobre o problema das pessoas que não têm onde morar, ou da própria reconstrução da história de vida da entrevistada, que facilmente poderia vir a mostrar a trajetória da miséria social que levou a família para a rua.

¹² Caso gravado dia 10 de junho de 1991.

Z – Quantos anos tu tens, Marlene?

M – Eu estou com trinta.

Z – Quantos filhos, Marlene?

M – Eu estou com sete.

Z – Gente, este pessoal foi despejado e não tem onde morar, né? É a mãe, o pai e sete crianças. Bom, ainda bem que o marido está junto. Ele está abraçando junto contigo os pepinos?

M – Está.

Z – Está abraçando o pepino?

M – Está.

Nesta primeira parte do diálogo Zambiasi constrói a personagem singular através de três perguntas chaves repetidas em todas as entrevistas com as mulheres: idade, número de filhos e a situação do marido. No primeiro diálogo o número de filhos não era impressionante, a tônica foi o pai que abandonou; neste, já no primeiro momento fica claro a singularidade: uma mulher de 30 anos com sete filhos. O pai, personagem preferencial para construir a relação entre o bem e o mal, aparece como presente. Zambiasi repete a pergunta duas vezes, mas tem a mesma resposta direta da mulher. Sem poder construir o culpado neste primeiro momento Zambiasi segue a entrevista.

M – Ali na Praia de Belas que eu estava numa casinha que era uma barraca que o senhor me deu. Desmanchou a barraca.

Z – Nova barraca. Precisamos de mais uma barraca, então?

M – Não, se me desse ao menos uma lona.

Z – Deu até para fazer um filho. Deu até para fazer a última filha dentro da barraca. Vem cá, tu fez ligamento, hein?

O diálogo acima é um momento crucial da entrevista, isto é, quando o problema passa a ter contornos absolutamente privados. A mulher entrevistada chega ao limite de seu pedido nomeando a solução através de uma lona, dando desta forma chance a Zambiasi para que construa a excelência da solução da barraca, para que reafirme o número de filhos e finalmente dê a solução para todo o pro-

blema através da sugestão da esterilização. A transferência do problema social (sem-teto) para o problema de responsabilidade pessoal (esterilização) é completada no fim da entrevista:

M – Não.

Z – Não? Não?

M – Não, mas eu vou tomar comprimido.

Z – Pelo amor de Deus, por favor, nossa senhora, não me assusta vizinha, que daqui uns dias tu vai me aparecer grávida de novo aqui na rádio, daí vai ser outro filho, já pensou?

Neste momento a fala de Zambiasi é particularmente significativa para mostrar o processo de transferência da questão social para a questão privada. A mulher não veio ao programa porque tinha sete filhos mas porque não tinha onde morar. O apresentador transforma as informações que a mulher lhe dá e chega a um novo enunciado: ela voltará ao programa porque não se esterilizou e possivelmente terá outro filho.

Caso 3¹³

A terceira história escolhida para ilustrar as questões levantadas no programa distingue-se das duas primeiras por não apresentar um código de silêncio explícito. O problema apresentado, ao contrário dos anteriores, não está relacionado diretamente com a inexistência de políticas públicas ou responsabilidades governamentais. Sua importância está na riqueza de detalhes de uma história que subverte as regras do campo e retira de Zambiasi a construção do caso. A história é a de uma menina de três meses abandonada pela mãe na casa de uma senhora muito pobre em uma vila de periferia de Porto Alegre. É uma história montada com seis personagens, cinco mulheres e um homem. O caso é narrado inicialmente pela senhora que ficou com a criança, mas a personagem principal da narrativa é uma possível avó que é a protagonista da subversão das regras do campo. As outras quatro personagens são aquelas das quais se fala: a criança, a mãe, o possível pai e uma professora que se oferece para ficar com a criança.

13 Caso gravado dia 8 de junho de 1991.

Z – Quantos anos tu tens, Marlene?

M – Eu estou com trinta.

Z – Quantos filhos, Marlene?

M – Eu estou com sete.

Z – Gente, este pessoal foi despejado e não tem onde morar, né? É a mãe, o pai e sete crianças. Bom, ainda bem que o marido está junto. Ele está abraçando junto contigo os pepinos?

M – Está.

Z – Está abraçando o pepino?

M – Está.

Nesta primeira parte do diálogo Zambiasi constrói a personagem singular através de três perguntas chaves repetidas em todas as entrevistas com as mulheres: idade, número de filhos e a situação do marido. No primeiro diálogo o número de filhos não era impressionante, a tônica foi o pai que abandonou; neste, já no primeiro momento fica claro a singularidade: uma mulher de 30 anos com sete filhos. O pai, personagem preferencial para construir a relação entre o bem e o mal, aparece como presente. Zambiasi repete a pergunta duas vezes, mas tem a mesma resposta direta da mulher. Sem poder construir o culpado neste primeiro momento Zambiasi segue a entrevista.

M – Ali na Praia de Belas que eu estava numa casinha que era uma barraca que o senhor me deu. Desmanchou a barraca.

Z – Nova barraca. Precisamos de mais uma barraca, então?

M – Não, se me desse ao menos uma lona.

Z – Deu até para fazer um filho. Deu até para fazer a última filha dentro da barraca. Vem cá, tu fez ligamento, hein?

O diálogo acima é um momento crucial da entrevista, isto é, quando o problema passa a ter contornos absolutamente privados. A mulher entrevistada chega ao limite de seu pedido nomeando a solução através de uma lona, dando desta forma chance a Zambiasi para que construa a excelência da solução da barraca, para que reafirme o número de filhos e finalmente dê a solução para todo o pro-

blema através da sugestão da esterilização. A transferência do problema social (sem-teto) para o problema de responsabilidade pessoal (esterilização) é completada no fim da entrevista:

M – Não.

Z – Não? Não?

M – Não, mas eu vou tomar comprimido.

Z – Pelo amor de Deus, por favor, nossa senhora, não me assusta vizinha, que daqui uns dias tu vai me aparecer grávida de novo aqui na rádio, daí vai ser outro filho, já pensou?

Neste momento a fala de Zambiasi é particularmente significativa para mostrar o processo de transferência da questão social para a questão privada. A mulher não veio ao programa porque tinha sete filhos mas porque não tinha onde morar. O apresentador transforma as informações que a mulher lhe dá e chega a um novo enunciado: ela voltará ao programa porque não se esterilizou e possivelmente terá outro filho.

Caso 3¹³

A terceira história escolhida para ilustrar as questões levantadas no programa distingue-se das duas primeiras por não apresentar um código de silêncio explícito. O problema apresentado, ao contrário dos anteriores, não está relacionado diretamente com a inexistência de políticas públicas ou responsabilidades governamentais. Sua importância está na riqueza de detalhes de uma história que subverte as regras do campo e retira de Zambiasi a construção do caso. A história é a de uma menina de três meses abandonada pela mãe na casa de uma senhora muito pobre em uma vila de periferia de Porto Alegre. É uma história montada com seis personagens, cinco mulheres e um homem. O caso é narrado inicialmente pela senhora que ficou com a criança, mas a personagem principal da narrativa é uma possível avó que é a protagonista da subversão das regras do campo. As outras quatro personagens são aquelas das quais se fala: a criança, a mãe, o possível pai e uma professora que se oferece para ficar com a criança.

13 Caso gravado dia 8 de junho de 1991.

Z – Está aqui comigo uma loirinha de olho azul abandonada na Vila Respeito. A mãe simplesmente sumiu. Bom, vamos dar prazo até o meio-dia para a mãe aparecer aqui. Se por acaso a mãe não aparecer na rádio até o meio-dia nós vamos encaminhá-la ao SOS criança.

Já no primeiro momento Zambiasi constrói a oposição entre o bem o mal. O primeiro, representado por uma criança loira de olhos azuis. No meio de uma população mestiça aparece uma criança loira, angelical. O mal, em contrapartida, está representado pela mãe que “simplesmente sumiu”, abandonou a criança loira. A ela é dada uma chance que, na verdade, tem como objetivo reforçar o abandono: para o ouvinte fiel do programa ela deveria estar ouvindo o programa e o seu não comparecimento reforçaria o abandono. A entrevista continua com o aparecimento de outra mulher, que, ao contrário da mãe, veio ao programa imediatamente quando ouviu falar do caso.

Z – Está pintando aqui uma amiga que acha que é avó do bebê abandonado na Vila do Respeito. Pode até ser, né? Como é o nome da mãe dessa menina?

M – Kelly.

Z – Que idade tem essa Kelly?

M – Ela tem 22 anos mais ou menos.

Z – A vizinha aqui disse que ela tinha 17.

M – Não, ela não tem 17, ela tem 22. Ela já teve comigo uns dois anos. Eu conheço ela muito bem.

Z – Ela viveu com o teu filho?

M – Ela viveu uma base de dois anos com o Edson C. C. (no programa são dados o nome e o sobrenome completos).

A personagem identificada como a avó é particularmente importante na montagem da história, pois é ela que esclarece a identidade da mãe e introduz o único homem da história, seu próprio filho, dando seu nome e sobrenome no ar. Seu papel torna-se, a partir deste momento ainda mais pontual, na medida em que vai construir a contradição entre o bem e o mal.

Z – E a Kelly perambula pela cidade?

M – Ela faz isso aí.

Z – Ela não trabalha?

M – Ela não trabalha. Eu adoro a Kelly, gosto dela.

Z – Anda faturando pelo centro.

M – Infelizmente é isso aí. É uma pena que eu tenho da Kelly. Ela é uma guria bonita, Sérgio, uma guria de presença, mas eu não sei, se eu pudesse ficar com a guria ficava. Talvez seja minha neta. Eu não tenho certeza. Ele era para fazer exame. Pegar as duas e ir lá para fazer exame.

A fala da “avó” é dirigida por Zambiasi que provoca a “verdade”, Kelly é uma prostituta. Ela não trabalha. Mas o que é mais interessante é a resistência da fala que não condena Kelly mas a elogia por sua beleza e se penaliza dela. Aqui encontra-se um raro momento de fala de resistência ao andamento dado a Zambiasi; para a mulher, o culpado é o filho, como fica claro no desenvolver da entrevista.

M – Sérgio, e depois que eu achar a Kelly? A gente poderia fazer uns exames para ver se a guria é do meu guri?

Z – Pode. Sem mistério nenhum.

M – Ele tem de assumir o compromisso. Que ele já tem idade, tem 19 anos e trabalha. Se ele é o pai, ele tem de assumir, né? Aí eu resolvo alguma coisa, se for do meu filho de repente eu arco com essa aí.

Z – Barbaridade.

M – Eu sou bem mulher para isso, Sérgio.

A inversão que acontece neste momento é particularmente interessante. Havia chamado a atenção anteriormente que a vitimização da mulher feita por Zambiasi decorria muitas vezes da contraposição ao homem que não cumpria com as obrigações. A estes caberiam trabalhar e ser um bom pai de família, à mulher caberia ser a boa mãe e cuidar para não ter muitos filhos. A personagem subversiva também contrapõe o homem à mulher, mas neste caso trata-se de um jovem que é seu filho, que é trabalhador e que por isso deve assumir a criança que teve com uma prostituta. A questão trabalho, que sempre aparece como um contraponto à irresponsabilidade, aqui ganha novos contornos e aparece exatamente como a prova da irresponsabilidade do homem em relação ao filho. A posi-

Z – Está aqui comigo uma loirinha de olho azul abandonada na Vila Respeito. A mãe simplesmente sumiu. Bom, vamos dar prazo até o meio-dia para a mãe aparecer aqui. Se por acaso a mãe não aparecer na rádio até o meio-dia nós vamos encaminhá-la ao SOS criança.

Já no primeiro momento Zambiasi constrói a oposição entre o bem o mal. O primeiro, representado por uma criança loira de olhos azuis. No meio de uma população mestiça aparece uma criança loira, angelical. O mal, em contrapartida, está representado pela mãe que “simplesmente sumiu”, abandonou a criança loira. A ela é dada uma chance que, na verdade, tem como objetivo reforçar o abandono: para o ouvinte fiel do programa ela deveria estar ouvindo o programa e o seu não comparecimento reforçaria o abandono. A entrevista continua com o aparecimento de outra mulher, que, ao contrário da mãe, veio ao programa imediatamente quando ouviu falar do caso.

Z – Está pintando aqui uma amiga que acha que é avó do bebê abandonado na Vila do Respeito. Pode até ser, né? Como é o nome da mãe dessa menina?

M – Kelly.

Z – Que idade tem essa Kelly?

M – Ela tem 22 anos mais ou menos.

Z – A vizinha aqui disse que ela tinha 17.

M – Não, ela não tem 17, ela tem 22. Ela já teve comigo uns dois anos. Eu conheço ela muito bem.

Z – Ela viveu com o teu filho?

M – Ela viveu uma base de dois anos com o Edson C. C. (no programa são dados o nome e o sobrenome completos).

A personagem identificada como a avó é particularmente importante na montagem da história, pois é ela que esclarece a identidade da mãe e introduz o único homem da história, seu próprio filho, dando seu nome e sobrenome no ar. Seu papel torna-se, a partir deste momento ainda mais pontual, na medida em que vai construir a contradição entre o bem e o mal.

Z – E a Kelly perambula pela cidade?

M – Ela faz isso aí.

Z – Ela não trabalha?

M – Ela não trabalha. Eu adoro a Kelly, gosto dela.

Z – Anda faturando pelo centro.

M – Infelizmente é isso aí. É uma pena que eu tenho da Kelly. Ela é uma guria bonita, Sérgio, uma guria de presença, mas eu não sei, se eu pudesse ficar com a guria ficava. Talvez seja minha neta. Eu não tenho certeza. Ele era para fazer exame. Pegar as duas e ir lá para fazer exame.

A fala da “avó” é dirigida por Zambiasi que provoca a “verdade”, Kelly é uma prostituta. Ela não trabalha. Mas o que é mais interessante é a resistência da fala que não condena Kelly mas a elogia por sua beleza e se penaliza dela. Aqui encontra-se um raro momento de fala de resistência ao andamento dado a Zambiasi; para a mulher, o culpado é o filho, como fica claro no desenvolver da entrevista.

M – Sérgio, e depois que eu achar a Kelly? A gente poderia fazer uns exames para ver se a guria é do meu guri?

Z – Pode. Sem mistério nenhum.

M – Ele tem de assumir o compromisso. Que ele já tem idade, tem 19 anos e trabalha. Se ele é o pai, ele tem de assumir, né? Aí eu resolvo alguma coisa, se for do meu filho de repente eu arco com essa aí.

Z – Barbaridade.

M – Eu sou bem mulher para isso, Sérgio.

A inversão que acontece neste momento é particularmente interessante. Havia chamado a atenção anteriormente que a vitimização da mulher feita por Zambiasi decorria muitas vezes da contraposição ao homem que não cumpria com as obrigações. A estes caberiam trabalhar e ser um bom pai de família, à mulher caberia ser a boa mãe e cuidar para não ter muitos filhos. A personagem subversiva também contrapõe o homem à mulher, mas neste caso trata-se de um jovem que é seu filho, que é trabalhador e que por isso deve assumir a criança que teve com uma prostituta. A questão trabalho, que sempre aparece como um contraponto à irresponsabilidade, aqui ganha novos contornos e aparece exatamente como a prova da irresponsabilidade do homem em relação ao filho. A posi-

ção da mulher também é subvertida, a mulher protegida por Zambiasi e pela caridade em geral é a mãe sofredora que vem pedir por seus filhos e não a prostituta que os abandona.

No diálogo fica claro o esforço do apresentador do programa em caracterizar Kelly como tal e desta forma retirar a culpa daqueles que não a protegem. A solução de Zambiasi já está dada desde a sua primeira frase: mandar a criança para uma instituição de caridade, pois o fator mãe não existe. A subversão recupera a mãe, penaliza-se dela e responsabiliza o pai. Zambiasi não tem como recuperar em seu discurso a figura da mãe, pois isto só seria possível se ele incorporasse razões não privadas, de tomada de decisão pessoal para explicar a prostituição de mulheres jovens e isto seria subverter de forma perigosa o seu próprio discurso e as regras do campo do jornalismo/assistencialismo ao qual deve sua existência.

A entrevista acaba com uma professora, cuja voz não aparece, responsabilizando-se pela criança. Esta é uma história de resistência, onde Zambiasi enfrenta-se com uma mulher mais velha que não veio pedir favor, mas veio tentar solucionar o caso. Ela rompe as regras estritas do campo do assistencialismo, ou seja, do interesse irreduzível. Ela publiciza sua vida privada não porque através disto busque solução para o seu problema mas porque este é o instrumento de construção de sua identidade enquanto juiz da vida de seu próprio filho.

À guisa de reflexão

Ao fechar este artigo gostaria de levantar alguns pontos não como conclusões, mas como reflexões acerca do que tenho chamado de privatização dos problemas sociais *vis-à-vis* a construção de ações coletivas. Não me parece que seja correto inferir do caso estudado uma situação de completa desagregação dos movimentos sociais ou o descrédito nas ações coletivas. As duas situações, de assistencialismo e de organização coletiva, têm tido na história recente do país vidas paralelas. A existência de uma, não implica o desaparecimento da outra. Entretanto, no atual momento político brasileiro parece-me razoável argumentar que há uma relação clara entre a perda dos valores coletivos, por um lado e a presença cada vez mais perceptível de soluções ao nível do privado, por outro.

Se isto é verdade para o conjunto da população, adquire para as camadas mais pobres do país contornos mais dramáticos. Inter-

pelados pelo discurso da descrença no político, estes grupos não têm nenhum capital econômico, social ou cultural capaz de lhes possibilitar espaços de manobra para buscar a sobrevivência, como acontece entre as camadas médias da população. Jogados nas ruas pelo desemprego e pela recessão, possuem capitais muito especiais na suas relações com os grupos privilegiados, que poderiam ser chamados de simbólicos: ou tornam-se temidos pela potencialidade de tomarem atitudes violentas para sobreviverem ou utilizam-se de sua miséria para provocar a caridade. Se esta é uma realidade que nas ruas expressa um caos social, é, por outro lado, uma realidade que se torna matéria-prima privilegiada para a organização de campos de força altamente organizados, onde o bem e o mal no interior da miséria são delimitados de forma clara e, onde os problemas sociais são transformados em problemas privados, sendo os protagonistas da miséria por ela responsabilizados por não trabalharem, no caso dos homens; por não terem responsabilidade na reprodução, no caso das mulheres.

Dentro deste quadro, a presença da mídia eletrônica, respaldada como no caso que foi exemplificado, por uma grande organização, leva-me a continuar refletindo sobre as sérias conseqüências do discurso despolitizado e descrente na ação coletiva, sobre uma grande parte da população que vive ao nível da miséria quase absoluta. A mulher neste cenário, responsável em muitas situações pela solução de problemas imediatos de sobrevivência de seus filhos, pode ser pensada como a primeira a voltar-se para o privado como uma estratégia de sobrevivência, reencontrando uma identidade historicamente construída que paradoxalmente, ao mesmo tempo em que lhe retira a possibilidade da construção da ação coletiva, lhe dá a matéria-prima para substituir seu papel público pelo papel capaz de lhe garantir a caridade.

ção da mulher também é subvertida, a mulher protegida por Zambiasi e pela caridade em geral é a mãe sofredora que vem pedir por seus filhos e não a prostituta que os abandona.

No diálogo fica claro o esforço do apresentador do programa em caracterizar Kelly como tal e desta forma retirar a culpa daqueles que não a protegem. A solução de Zambiasi já está dada desde a sua primeira frase: mandar a criança para uma instituição de caridade, pois o fator mãe não existe. A subversão recupera a mãe, penaliza-se dela e responsabiliza o pai. Zambiasi não tem como recuperar em seu discurso a figura da mãe, pois isto só seria possível se ele incorporasse razões não privadas, de tomada de decisão pessoal para explicar a prostituição de mulheres jovens e isto seria subverter de forma perigosa o seu próprio discurso e as regras do campo do jornalismo/assistencialismo ao qual deve sua existência.

A entrevista acaba com uma professora, cuja voz não aparece, responsabilizando-se pela criança. Esta é uma história de resistência, onde Zambiasi enfrenta-se com uma mulher mais velha que não veio pedir favor, mas veio tentar solucionar o caso. Ela rompe as regras estritas do campo do assistencialismo, ou seja, do interesse irreduzível. Ela publiciza sua vida privada não porque através disto busque solução para o seu problema mas porque este é o instrumento de construção de sua identidade enquanto juiz da vida de seu próprio filho.

À guisa de reflexão

Ao fechar este artigo gostaria de levantar alguns pontos não como conclusões, mas como reflexões acerca do que tenho chamado de privatização dos problemas sociais *vis-à-vis* a construção de ações coletivas. Não me parece que seja correto inferir do caso estudado uma situação de completa desagregação dos movimentos sociais ou o descrédito nas ações coletivas. As duas situações, de assistencialismo e de organização coletiva, têm tido na história recente do país vidas paralelas. A existência de uma, não implica o desaparecimento da outra. Entretanto, no atual momento político brasileiro parece-me razoável argumentar que há uma relação clara entre a perda dos valores coletivos, por um lado e a presença cada vez mais perceptível de soluções ao nível do privado, por outro.

Se isto é verdade para o conjunto da população, adquire para as camadas mais pobres do país contornos mais dramáticos. Inter-

pelados pelo discurso da descrença no político, estes grupos não detêm nenhum capital econômico, social ou cultural capaz de lhes possibilitar espaços de manobra para buscar a sobrevivência, como acontece entre as camadas médias da população. Jogados nas ruas pelo desemprego e pela recessão, possuem capitais muito especiais na suas relações com os grupos privilegiados, que poderiam ser chamados de simbólicos: ou tornam-se temidos pela potencialidade de tomarem atitudes violentas para sobreviverem ou utilizam-se de sua miséria para provocar a caridade. Se esta é uma realidade que nas ruas expressa um caos social, é, por outro lado, uma realidade que se torna matéria-prima privilegiada para a organização de campos de força altamente organizados, onde o bem e o mal no interior da miséria são delimitados de forma clara e, onde os problemas sociais são transformados em problemas privados, sendo os protagonistas da miséria por ela responsabilizados por não trabalharem, no caso dos homens; por não terem responsabilidade na reprodução, no caso das mulheres.

Dentro deste quadro, a presença da mídia eletrônica, respaldada como no caso que foi exemplificado, por uma grande organização, leva-me a continuar refletindo sobre as sérias conseqüências do discurso despolitizado e descrente na ação coletiva, sobre uma grande parte da população que vive ao nível da miséria quase absoluta. A mulher neste cenário, responsável em muitas situações pela solução de problemas imediatos de sobrevivência de seus filhos, pode ser pensada como a primeira a voltar-se para o privado como uma estratégia de sobrevivência, reencontrando uma identidade historicamente construída que paradoxalmente, ao mesmo tempo em que lhe retira a possibilidade da construção da ação coletiva, lhe dá a matéria-prima para substituir seu papel público pelo papel capaz de lhe garantir a caridade.